

A PRESENÇA DO CINEMA E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE EM CAJAZEIRAS-PB (1950-1980)

José Antônio da Silva Neto¹
Viviane Gomes de Ceballos²

Artigo recebido em: 16/08/2021.

Artigo aceito em: 28/03/2022.

RESUMO:

Desde as primeiras décadas do século XX, o cinema se configurou como uma das principais atrações presentes na cidade de Cajazeiras-PB. O público frequentador, para além do entretenimento que a fita em exibição proporcionava, encontrava nesses espaços uma oportunidade para travar encontros, para se relacionar e aproveitar a sessão junto da companhia de pessoas queridas. No entanto, esse estar e desfrutar da companhia do outro, não se restringia à duração da película (dimensão temporal), muito menos à sala de cinema (dimensão espacial). No presente artigo, discutiremos, utilizando como método a História oral, o caráter social da frequência a estes espaços e como, através de trajetórias diversas que partiam dos cinemas para outros pontos da cidade, eram constituídos espaços de sociabilidade no território urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Sociabilidade; Cajazeiras.

THE PRESENCE OF CINEMA AND THE CONSTRUCTION OF SOCIABILITY SPACES IN CAJAZEIRAS-PB (1950-1980)

ABSTRACT:

The Cinema was the main attraction for the youth in Cajazeiras-PB during the early 20th Century. Not only the movie streaming was attractive, but mostly the meetings, the gathering and the enjoy the movie by the companion of the beloved ones. Otherwise, this gathering isn't limited by the time of the exhibition nor the movie

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5707116444041781>; E-mail: jdasilvaneto4@gmail.com. Orientado por Viviane Gomes de Ceballos.

² Doutora em História, professora no curso de licenciatura em História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras-PB); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0486267299077533>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0225-113X>; E-mail: vgceballos@gmail.com.

theater. The aim of this paper is to discuss these forms of sociability that are spread out in the city. The primary source of this analysis is the oral narratives of its citizens.

KEYWORDS: Cinema; Sociability; Cajazeiras.

1. Introdução³

Dentro da sala de aula os olhares se desviavam da lousa, marcada ora com números e equações abstratas, ora com lições de Anatomia ou História do Brasil. O olhar pesava de sono, o corpo fatigado pelo dia de trabalho não resistia aos tédios da aula noturna, descansava e, às vezes, se deixava adormecer por cima da carteira, tomando o caderno de traveseiro enquanto era embalado pelos vestígios distantes da voz do professor, pelos sussurros que ensaiavam outros diálogos dentro da sala, que antecipavam outros assuntos, conversas mais interessantes do que o Teorema de Pitágoras. O retinir do sino interrompia as lições, despertava os adormecidos e injetava ânimo nos sonolentos, nos desatentos, naqueles que desejavam estar em outro lugar. Afinal, a noite estava fresca, calma, convidativa.

Durante o intervalo, como em um navio amotinado, os estudantes decidem não esperar a aula seguinte. Não se permitiriam desperdiçar a noite lá fora. Os interruptores da sala são desligados pelos conspiradores, na dúvida, agora não há mais alunos, nem aula e ninguém está pensando no professor. Agora eles têm a cidade aos seus pés, e podem decidir entre seguir para casa descansar, entre permanecer na pracinha, conversando, namorando ou simplesmente passando o tempo. Josefa Lacerda da Silva, uma das alunas rebeladas, decide partir com algumas amigas para o Cine Éden, o cinema mais popular e frequentado da cidade. As amigas não sabiam com certeza qual filme seria exibido naquela noite, a sessão das nove horas não era a mais popular, os filmes mais esperados, os grandes lançamentos, eram exibidos mais cedo da noite e principalmente durante os finais de semana. Aquela era uma noite

³ Este artigo é uma adaptação revisada dos resultados apresentados na monografia *Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980)*, defendida, em 2021, no curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras-PB.

ordinária na programação do cinema, mas o importante é que havia uma fita qualquer que combinaria com aquele breve momento de liberdade. Elas entravam na fila da bilheteria, depois seguiam rumo ao interior da sala, em direção às poltronas do fundo, onde a luz da tela chegava com menos intensidade, onde os cochichos, as conversas, talvez atrapalhassem menos os espectadores mais vidrados. Mesmo quando o filme era dos bons, tinha que dividir parte da atenção com aquelas conversas livres, agradáveis, que consistiam em um dos principais prazeres de se estar junto de amigos em um cinema. Após a película percorrer por inteira a luz do projetor, ou até mesmo antes disso, ainda distante dos créditos finais, as amigas deixavam o cinema, já estava tarde. O dia seguinte prometia mais cansaços. Os passos seguiam de volta pelas ruas em busca de suas casas, de seus leitos, mas a noite ainda envolvia as conversas, risadas, brincadeiras e fofocas que as bocas despejavam durante o trajeto.

Esses acontecimentos tiveram lugar na cidade de Cajazeiras⁴, no estado da Paraíba, em meados da década de 1980. Josefa Lacerda, mulher cajazeirense, recorda com afetividade e ares de nostalgia as lembranças descritas, seu rosto não deixava de esboçar um sorriso durante a nossa conversa:

O pior era que eu apagava a luz, sabia? Quando o professor chegava a luz já estava apagada e nós já estava lá fora, que era pra ir pro cinema pra assistir os filmes que tava passando no momento, juntava eu e uma turma, era bom demais [sic].⁵

De forma semelhante, pudemos reconhecer que outros moradores dessa cidade possuem no cabedal infinito da memória (BOSI, 1987, p. 3), lembranças de momentos que tiveram lugar diante de uma tela de cinema. Tivemos o privilégio de ouvir o som dessas lembranças por meio da voz de alguns homens e mulheres que

⁴ Cidade localizada no sertão paraibano. Possui uma população atualmente estimada em cerca de 61776 mil habitantes. O município ocupa uma área de aproximadamente 565,90 km² e situa-se a cerca de 468 km da capital do estado, João Pessoa. Foi politicamente emancipada em 22/08/1863. Cf.: PREFEITURA DE CAJAZEIRAS. **Dados do município.** Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acessado em: 06/03/2021, as 20h22min.

⁵ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

compartilharam conosco sua experiência. Durante nossas conversas, os cinemas e tudo aquilo relacionado a eles consistia em um passado agradável de recordar e muitas vezes até mesmo em uma saudade presente, pois desde 1990, com o encerramento das atividades do Cine Éden⁶, Cajazeiras não mais conta com esse tipo de entretenimento (CALISTO, 2014, p. 54).

É preciso reconhecer que no brilho da tela iluminada pelo projetor, havia algo de especial, algo que cativava o público de modo muito mais profundo do que o televisor doméstico, por exemplo. De acordo com Graeme Turner (1997), a experiência do cinema emula no público não uma sensação de fantasia mas de realidade. O autor afirma que a: “dissolução entre as fronteiras do imaginário e do real faz parte do cerne da experiência do cinema. A representação aparece como percepção” (TURNER, 1997, p. 111). Desse modo, uma das características mais importantes da experiência do cinema consiste em reproduzir com o máximo de precisão a experiência do mundo real e ampliar o poder dessa experiência.

Nesse sentido, para Turner (1997), ver um filme em uma tela de cinema pode ser comparado ao ato de sonhar, uma vez que o sonho consiste em uma experiência visual que, mesmo não sendo real, contém em si a sensação de realidade, ou seja, mesmo que os acontecimentos sonhados não sejam reais, a *experiência em si* foi (TURNER, 1997, p. 111). A capacidade de uma película em exibição provocar sensações no espectador faz do cinema uma experiência intensa, quase hipnótica, induzida pelo escuro da sala e pelo brilho da tela, que concentra em si toda a atenção dos presentes. Ainda de acordo com Turner (1997, p. 112): “o espectador do cinema observa porque a imagem em si mesma é sedutora, maior que a vida, um objeto de desejo. O público, portanto, concentra-se em ver”. No entanto, para além do fascínio que a tela do cinema oferece ao espectador, a frequência a esses ambientes promovem outras formas de diversão também responsáveis por atrair o público. Os

⁶ Cinema que permaneceu em atividade entre os anos de 1935 e 1990, situado nas dependências de um prédio conhecido como Edifício OK, erguido na Avenida Presidente João Pessoa, no centro da cidade. Cf.: ROLIM, Eliana de Souza. Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras-PB: memórias, políticas públicas e educação patrimonial. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. p. 74.

cinemas são amplamente reconhecidos como espaços que estimulam contatos e interações sociais, promovendo, portanto, relações de sociabilidade.

Para Graeme Turner (1997), frequentar um cinema pode ser considerado um verdadeiro evento, é uma experiência de valor social reconhecida, que garante um sentimento de libertação ao se desfrutar, longe das horas marcadas pelo relógio do trabalho, um lazer despreocupado com a família, com os amigos ou entre namorados. Os cinemas permitem desfrutar do outro, da companhia do outro, pois frequentá-los era geralmente uma atividade coletiva, mesmo que o indivíduo fosse até lá sozinho, havia a expectativa de encontros. Turner (1997) afirma que para quem sai de casa para ir ao cinema, “os prazeres da noite não se esgotam com a experiência de assistir a um filme, no mais das vezes trata-se de uma atividade de grupo – raramente as pessoas vão ao cinema sozinhas” (TURNER, 1993, p. 110). Nesse sentido, ir ao cinema significava estar disposto a se relacionar, a interagir com outras pessoas, sejam elas conhecidas ou não, pois naqueles ambientes as trocas sociais eram privilegiadas, uma vez que o cinema correspondia a um ambiente que congregava diversas pessoas, constituindo uma importante atração inserida no meio urbano (CASTRO, 2008, p. 53). Portanto, um dos prazeres e o que tornava uma ida ao cinema algo especial, era a possibilidade de se estabelecer relações de sociabilidade.

Desde as primeiras décadas do século XX, a população de Cajazeiras contava com a presença do cinema como uma opção de lazer e entretenimento. No entanto, os primeiros empreendimentos dessa natureza na cidade logo encerraram suas atividades, prejudicados em algumas circunstâncias pelas secas que afetavam a população local.⁷ Nesse artigo, quatro cinemas serão mencionados a partir dos relatos dos colaboradores entrevistados. São eles *Cine Éden*, *Cine Pax*, *Cine Apolo XI* e *Cine*

⁷ As menções mais antigas indicando a presença do cinema na cidade de Cajazeiras datam do início do século XX, por volta de 1905. A tecnologia se apresentou a primeira vez nestas paragens trazida por mascates e comerciantes vindos do Ceará, que exibiam filmes nos dias de feira. Durante as décadas de 1920 e 1930 surgiram casas de exibição cinematográfica na cidade que funcionaram em endereço fixo. São esses o Cine Alvorada, criado em 1922; o Cine Moderno e o Cine São José, criados em 1925. Os dois últimos cinemas mencionados encerraram as atividades em 1932, em decorrência dos prejuízos econômicos provocados pelo fenômeno da estiagem. Cf.: MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. *Jornal A União*, 21 de outubro de 1984.; LEAL, Wills. *Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007. p. 28.

Cruzeiro.⁸ Esses cinemas permaneceram ativos por mais tempo que os pioneiros da década de 1920, sendo assim frequentados por mais de uma geração, incluindo por as pessoas que colaboraram com nossa pesquisa. Esses cinemas ficaram, desse modo, marcados no imaginário e na memória de muitos moradores de Cajazeiras.

Nossa análise pretende se aprofundar nos deslocamentos e trajetórias que tinham início a partir da frequência aos cinemas da cidade e nas relações e interações mantidas entre os frequentadores, indivíduos que saíam de casa com a pretensão de ver um bom filme, de viver um momento de lazer que o distraísse dos cansaços do trabalho, mas também de encontrar aquele grupo de amigos, aquela pessoa especial, e conversar, rir, curtir. Pretendemos entender como as relações de sociabilidade estavam presentes nas salas, nos entornos e nas ruas adjacentes aos cinemas, ou seja, analisar o caráter social da frequência àqueles ambientes de lazer e entretenimento.

De acordo com Heitor Frúgoli Júnior (2007) o conceito de sociabilidade foi proposto pela primeira vez na Sociologia por Georg Simmel (1858 – 1918), autor que propunha a questão de como a sociedade é possível. Através desse conceito, Simmel entendia que a sociedade não consiste em um elemento pronto, acabado, mas que se constrói, se desfaz e se reconstrói em um processo sempre dinâmico, permanente e que depende do conjunto das relações e interações mantidas entre os indivíduos que constituem o que se denomina sociedade (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 8).

De acordo com o pensamento de Simmel (2006) se as sociedades são possíveis graças às interações e contatos mantidos entre si pelos indivíduos, são necessários estímulos para que essas interações aconteçam. Estes, de acordo com o autor, são múltiplos, variados e de naturezas distintas. O indivíduo é levado a manter contato com o outro quando é movido por uma necessidade específica, quando o

⁸ Os cines Pax e Apolo XI foram criados, respectivamente, em 1962 e 1969, ambos administrados pela diocese de Cajazeiras. O Cine Cruzeiro consistia em um empreendimento administrado por Otrape Sobreira Cartaxo, que iniciou suas atividades como exibidor cinematográfico em cerca de 1954. Cf.: MOREIRA, Mariana. Seu Otrape: um herói ameaçado pelo tempo. *Jornal A União*. João Pessoa, 8 de dezembro de 1984.; VILAR, Lúcio. O fim dos cinemas no interior. *Jornal Correio da Paraíba*, Cajazeiras, 25 de maio de 1997.

outro indivíduo pode suprir-lhe determinada carência, quando este pode ser determinante para a realização de um certo interesse. As interações movidas por interesses específicos foram fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Desde os primórdios, os indivíduos colaboram entre si para caçar presas maiores que o próprio tamanho, para fabricar ferramentas, realizar obras, construir cidades e erguer impérios. Desse modo, de acordo com Simmel (2006, p. 60), as interações estimuladas por impulsos que correspondem às necessidades e interesses particulares, permitiram que os indivíduos atuassem “com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros”. Esse conjunto de interações compõem uma unidade, ou seja, a sociedade. De acordo com o sociólogo, os estímulos que permitem a interação são o “conteúdo e a matéria da sociação” (SIMMEL, 2006, p. 60).

Sociação é a forma, que se dá de diversas maneiras, pela qual os indivíduos, movidos por seus interesses, interagem entre si e compõem a unidade que permitirá a realização desses interesses, ou seja, a própria sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60). Se o objetivo primordial da sociação é garantir a sobrevivência, facilitar e tornar mais prática a vida cotidiana, com o passar do tempo, esse conjunto de interações perde o seu sentido original e continuam a existir por si mesmos no seio da sociedade. De acordo com Georg Simmel (2006), esta é a gênese da sociabilidade (*Geselligkeit*), ou seja, uma interação desinteressada, apenas pelo prazer de estar e ser para o outro (SIMMEL, 2006, p. 64).

Desse modo, de acordo com Frúgoli Júnior (2007, p. 9), sociabilidade significa uma forma de interação pura, ou seja, um modo de interagir que não visa outros objetivos além do prazer da própria interação, que se torna um bem por si mesma. Nos antigos cinemas de Cajazeiras o prazer de estar com o outro consistia em um atrativo tão importante quanto a película exibida. O filme tinha sua duração limitada. Provocava fascínio, deleite, durante o tempo de duração da película, mas o conjunto de interações que o público mantinha entre si prolongava-se ao fim da sessão, tomavam lugar em outros espaços, próximos ou distantes dos cinemas. O conteúdo visto na tela estimulava brincadeiras e conversas que permaneciam ativas

muito tempo após a sessão. O contato humano mantido nos arredores dos cinemas, fortalecia laços de amizade, fomentava paixões, garantia a diversão do grupo de amigos, o lazer do trabalhador, a fantasia das crianças e adolescentes.

2. Sociabilidades e interações infanto-juvenis promovidas pelo cinema em Cajazeiras

A algazarra era comum nas manhãs de domingo. Após a missa matinal, era chegada a hora da diversão tão esperada pela garotada, e as salas do Cine Apolo XI, do Cine Éden, assim como de outros cinemas da cidade, eram tomadas de assalto pela turma barulhenta e ávida de cinema. Os gritos, risos, gargalhadas, apelidos e outras brincadeiras preenchiam o espaço até ser interrompidas pela projeção que se iniciava. Mas não vamos pensar que a atenção era mantida por muito tempo, pois logo em seguida a película ganhava vida para além da tela. As crianças participavam ativamente da projeção, tomavam partido nas histórias contadas, ansiavam pela derrocada do bandido, pela vitória do mocinho nos filmes que viam. Como em uma partida de futebol, a gritaria fazia parte do espetáculo. Assim nos conta José Antônio de Albuquerque, um dos garotos presente nas agitadas manhãs de domingo nos cinemas de Cajazeiras:

Era casa cheia, principalmente as matinês lá do Cine Éden, do Cine... Cruzeiro e do Cine Éden... a gurizada ia mesmo, a menina era uma gritaria infeliz, não tinha quem aguentasse. Era uns bate, bate nas cadeiras com a mão, o assovio comia no miolo no centro, né? Era um negócio bem... era a diversão e a vaia comia no miolo do centro quando acontecia qualquer coisa diferente [...] havia a torcida do bandido, a torcida do mocinho, né? Um bate papo, vai pegar, vai pegar!... batia palmas (bate palmas), era um negócio interessante, né? A gente vivenciava a própria... hoje não, você fica naquela expectativa, naquele murmúrio... Mas na nossa época aqui, não, a gurizada, né? tomava (imita o barulho das crianças) gritava no cinema, era... pro mocinho matar o bandido, pegar o bandido, essas coisas todas [sic].⁹

⁹ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

A descrição que lemos versa sobre as famosas sessões *matinês* ou *matinais*, sendo que as mais conhecidas e frequentadas eram aquelas promovidas pela diocese da cidade, instituição responsável pela administração do Cine Pax e do Cine Apolo XI. Essas sessões especiais eram realizadas nas manhãs de domingo, geralmente gratuitas. Os bilhetes que permitiam o ingresso às *matinês* eram distribuídos às crianças que frequentavam a missa dominical que antecedia a sessão ou até mesmo eram sorteados nas escolas. A prática de realizar a exibição de filmes especialmente para crianças não era um fenômeno restrito à Cajazeiras. O jornalista e escritor Wills Leal (2007) afirma que,

todos os cinemas de João Pessoa, como do mundo inteiro, tinham sessões pela manhã (e às vezes à tarde), destinadas à *meninada*. O bom desse espetáculo não ocorria só dentro da sala de exibição – a maior festa ocorria nas calçadas – e até mesmo na rua do cinema, onde havia um movimentadíssimo comércio de ‘produto’ ligado aos filmes, seus heróis e suas histórias fantásticas. Este comércio, rico em fotos históricas, tinha suas normas próprias, sua linguagem, ‘seu dinheiro’ (LEAL, 2007, p. 74).

Entre as décadas de 1950 e 1960, em Cajazeiras, quando o professor José Antônio de Albuquerque frequentava as agitadas *matinês*, ele tomava parte de práticas semelhantes às descritas por Leal (2007). Um dos objetos de maior valor para as crianças que frequentavam as projeções e incorporavam o cinema em seu cotidiano de brincadeiras, eram os pedaços cortados de filme. Essas pequenas tiras de celuloide mexiam com a imaginação de alguns garotos que se tornaram colecionadores entusiasmados dessas pequenas preciosidades. A atitude de colecionar o próprio filme projetado nas salas de cinema permitia que aquele universo imaginário fosse transposto para as ruas, para dentro dos lares e, desse modo, grande parcela das brincadeiras e dos momentos lúdicos de lazer dessas crianças eram afetados diretamente pelas histórias e personagens saídos dos filmes. Tal prática estimulava as relações interpessoais entre os colecionadores, que barganhavam, discutiam entre si e usavam da persuasão com o objetivo de trocar seus pedaços de filme em busca do melhor momento registrado na película. De acordo com Albuquerque,

aqui havia, você sabe que quebra muito o filme, quebrava muito, tinha uma máquina, tanto a de Eutrópio que era uma máquina mais velha, como a de... a de, é... Carlos Paulino¹⁰, eles quebravam, então pra emendar de novo eles toravam aquelas fitazinhas de cinema...E isso aqui era uma coqueluche em Cajazeiras, muita... a garotada disputava, né? Aquelas tirinhas de cinema, pra ver qual era o artista, qual foi a cena... era muito interessante isso aqui em Cajazeiras, tinha um grupo aqui, eu pelo menos colecionei muitas tiras de... pedaços de filme. Era muito comum isso aqui em Cajazeiras, ter isso aqui. Inclusive o pessoal arranjava uns projetorezinhos, projetava na parede, pra brincar, pra se divertir. Eu participei muito, fiz parte desse grupo que colecionava tiras de cinema. Tinha uma que eram mais valorizadas, porque tinha pego um pedaço de um artista famoso, né? De um filme interessante, de um filme famoso. Aí guardava isso, depois trocava, né? Vinha uma fitazinha com dez, quinze, né? Sequencias, né? [sic].¹¹

As sessões matinais e até mesmo as brincadeiras ligadas ao ato de frequentar o cinema, como exemplificado pelo relato anterior, possibilitaram uma ampla interação social entre os envolvidos em tais divertimentos. Para além da agitação dentro das salas de cinema, das negociações diante dos instantes congelados de filme presentes nas fitas, o cinema e seu conjunto de fábulas acompanhavam seus frequentadores infantis para muito além da sala de projeção. De acordo, novamente, com as recordações de José Antônio de Albuquerque,

Isso era muito comum naquela época, né? Principalmente os filmes de faroeste americano, né? De brincar no grupo...no grupo escolar onde a gente estudava, do bandido e do mocinho, aquelas coisas, eu sempre... aquelas fitas cinematográficas nos levavam a essa imaginação, né? A essas brincadeiras, a esses outros tipos de divertimentos, então o cinema, assim, era uma espécie de extensão daquilo que a gente, na infância fazia por aqui, pelas peraltices das ruas de Cajazeiras [sic].¹²

Portando, por meio dessas reminiscências, percebemos que o prazer de frequentar uma sessão de cinema não se esgotava quando o letreiro escrito “Fim” aparecia na tela, muito menos ficava restrito à experiência de assistir ao filme. Muito ao contrário disso, vemos que a frequência estimulava um conjunto de interações

¹⁰ Penúltimo proprietário do Cine Éden, que o administrou de 1964 a 1977. MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição... *Op. cit.*

¹¹ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

¹² Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

sociais que tinham lugar antes e durante a exibição da película, e após o fim da sessão, o conteúdo visto seguia influenciando parte das interações mantidas em outros contextos, em outros momentos de lazer. Muito do prazer relacionado à frequência estava ligado às diversas oportunidades de interação social que esta prática possibilitava. Essas interações, que possuem sua razão de ser apenas pelo próprio prazer de se relacionar, de conversar, rir e compartilhar em conjunto determinada experiência, são o tipo de relação que Georg Simmel (2006) descreveu como relações de sociabilidade.

Para que a interação motivada pelo cinema fosse possível, não era sequer necessário que todos os que interagiam tivessem assistido à película. O também professor Reudesman Lopes Ferreira nos relata que durante sua infância era comum sua atuação como narrador dos filmes que assistia para os seus amigos que não tiveram a mesma oportunidade:

A gente conversava sobre o filme, o que você achou e tal e tal... então, é... a gente fazia, assim, um comentário do filme... eu gostava muito de comentar o filme... e de contar os filmes... também... às vezes a gente sentava, tinha muitas pessoas... na minha época, que não tinha condições de ir pro cinema... e aí o que é que a gente fazia... a gente sentava lá na Praça do Espinho¹³ e... e eu era o contador dessas histórias, eu ia contar o filme e tal... era legal que só [...] e eu gostava muito de contar... eu gostava muito de narrar o filme, eu gostava muito de contar o filme... e a gente ficava lá à noite, rapaz, era... todo mundo sentado, eu sentado no banco e o pessoal sentado em meu redor, no chão, na calçada lá da Praça do Espinho e eu contando filme e tal, e todo mundo assim vidrado, ninguém batia nem... a pestana [sic].¹⁴

Em reuniões assim podemos perceber o quanto a experiência cinematográfica derivava diversas outras experiências de sociabilidade, as quais não

¹³ Praça localizada no centro da cidade, em frente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho. Foi construída em 1953, durante a gestão do prefeito Otacílio Jurema (1951-1955). Ficou popularmente conhecida como “praça do espinho” por causa da vegetação que ornamentava esta praça. Foram escolhidas pela prefeitura cactáceas bem adaptadas ao clima local, entre elas o xique-xique, a palma e o mandacaru. Cf.: LIRA, Francisco Cleudimar F. de. Antiga Praça do Espinho. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2010/06/antiga-praca-do-espinho.html>. Acessado em: 12/02/2021, as 09h06min.

¹⁴ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

seriam possíveis, ou não seriam do modo como foram, não fosse a presença do cinema na cidade. A frequência aos cinemas, em alguns casos, estava inserida em um processo de descobrimento do ambiente urbano, consistia em um elemento importante para cristalizar amizades que surgiam entre as pedras da cidade e os muros da escola. Josefa Lacerda da Silva, que na década de 1980 era uma adolescente vinda da zona rural, recém chegada à cidade atraída por melhores condições de estudo que esta oferecia, relata que:

Eu morava no sítio, né? Aí eu vim estudar aqui em Cajazeiras, aí na época eu vim morar com a minha madrinha... que era prima do meu pai, era lá nas Capoeiras¹⁵, mas como, quando eu cheguei em Cajazeiras, que eu era beradeira¹⁶, que nem diz o ditado mesmo, né? Eu tinha medo de sair de casa, ficava só nas calçadas, aí depois eu fui conhecendo umas amigas... aí de lá, a gente descia pra praça à noite, aí... com essas amizades, eu descobri o cinema, aí, dia de domingo eu ia pra missa mais as meninas [...] foi bom, porque eu nunca tinha conhecido o cinema, nunca tinha ido no cinema e... só não sei qual era o filme, mas não, faz tempo já, faz mais de trinta anos, a cabeça não decorou essas coisas, não, mas foi bom, foi uma descoberta pra mim [sic].¹⁷

Desse modo, as relações travadas com outras adolescentes de sua idade, mas que haviam crescido no ambiente urbano, foram fundamentais para que as ruas antes desconhecidas, labirínticas, se transformassem aos poucos em um ambiente conhecido, familiar. As idas e vindas ao cinema fizeram parte dessa descoberta.

3. Do cinema para a rua, da rua para o cinema: as trajetórias do público por entre os espaços de lazer e sociabilidade da cidade

¹⁵ Um dos bairros periféricos da cidade de Cajazeiras.

¹⁶ Termo que designa o morador rústico das vilas sertanejas. Foi usado pela entrevistada, nesse contexto, para indicar sua origem camponesa e seu sentimento de acanhamento diante da cidade e seus costumes, por ela desconhecidos. Cf.: Beradeiro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/beradeiro/#:~:text=Significado%20de%20Beradeiro,as%20turmas%20em%20seu%20avan%C3%A7amento>. Acessado em: 12/02/2021, às 09h33min.

¹⁷ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

Em 1958, aos quinze anos de idade, após uma semana cheia de trabalho servindo como copeira em uma unidade hospitalar, Lídia de Santana, na companhia de uma amiga com quem trabalhava, decide desfrutar da folga no final de semana acomodada em uma das cadeiras do Cine Éden. Esse divertimento, para ela, não era particularmente especial, “era... era como se fosse um circo (ri) era uma coisa assim... aí a gente não tinha muito interesse, assim, queria ver os personagens lá, quando saía dali tanto fazia”¹⁸. Afinal, durante sua juventude, mesmo que não fosse uma paixão, o cinema era uma das poucas formas de lazer que Cajazeiras poderia oferecer a uma moça de sua idade: “a gente não tinha pra onde ir, não, o divertimento era o cinema mesmo. Era o lazer que a gente tinha na semana, um dia na semana”¹⁹. Certamente, o cinema também era o divertimento mais popular, pois poderia ser frequentado por pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais, desde que o dinheiro do ingresso não fizesse falta na mesa ou no vestuário.

Antes da sessão começar, Lídia de Santana, sua amiga e o companheiro dessa última, que as acompanhava, aguardavam o início do filme do lado de fora do cinema, enquanto seus olhares passeavam pela rua, interessados no movimento vivo, e as palavras passeavam entre os mais variados assuntos. Ir ao cinema, era uma atividade de lazer desejada, certamente muito ansiada por aqueles que trabalharam durante toda a semana. De acordo com Luiz O. Lima Camargo (1986, p. 13-14), “o lazer é sempre liberatório de obrigações: busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõem. Desse modo, concluímos que a conversa da praça, a conversa travada na rua, antes de uma sessão de cinema, é diversa da conversa rotineira, trocada de modo displicente e apressado entre os rápidos minutos de ócio no trabalho. É mais livre, alegre, embalada pelo frescor da noite, pelo movimento das pessoas e, após a sessão, também pela novidade das imagens vistas na tela, apesar de efêmeras.

O espetáculo começaria em breve, o público já se encontrava acomodado, e a sessão agora poderia transcorrer livremente. Apesar da ansiedade geral, muitas

¹⁸ Narrativa de Lídia Pedro de Santana. Aposentada. Entrevista realizada em novembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

¹⁹ *Idem.*

vezes, não era sequer de grande importância saber de que se tratava a película que seria exibida, de acordo com Lídia de Santana, “não tinha essa exigência de dizer, ah, o filme é bom... ia porque ia mesmo, tava disponível o tempo... podia ser qualquer um”²⁰. O importante era estar presente na sala de cinema e tentar se pôr o mais confortável possível, para que a experiência fosse agradável:

O espaço lá não era tão grande, não... Era assim... a gente entrava aqui... Entrava aqui, aí tinha aquele monte de cadeiras, né? Pra gente sentar... e eu sempre ficava mais próximo à porta, né? Porque naquele tempo era difícil ventilador, né? Aí ficava mais quente [sic].²¹

Mas a sessão nem sempre era tranquila, os cinemas da cidade frequentemente surpreendiam seu público com uma série de defeitos técnicos que dificultavam ou até mesmo impediam a apreciação dos filmes. Lídia de Santana conheceu bem esse aspecto problemático dos cinemas em Cajazeiras. Ela conta que em todas as poucas vezes em que esteve presente no Cine Éden, a força do gerador de energia era interrompida no meio da projeção. Apesar disso, ela recorda esses momentos com bom humor:

De vez em quando a luz apagava, acendia, e ficava com aquele filme embaçado... Sem querer sair direito (ri) e a gente ficava ali, às vezes, muitas vezes apagava e a gente ficava no escuro... aí de repente eles ia lá e controlavam e a gente começava de novo a assistir... aí quando eram dez horas, pronto, a gente tava liberado pra ir embora porque não tinha energia, a energia apagava de dez horas. [...] Aí aconteceu com as três vezes que eu fui, acontecia desse jeito... tava tudo bem, a gente entrava no Cine Éden, aí quando começava a assistir a luz apagava (ri) a luz era tão fraca que não aguentava muito tempo (ri) [sic].²²

Diante desse relato, é possível imaginar a frustração presente no semblante daqueles que se arrumaram, pagaram ingressos para assistir ao filme, convidaram amigos, familiares e parceiros para acompanhar a sessão, mas ao final de tudo,

²⁰ Narrativa de Lídia Pedro de Santana. Aposentada. Entrevista realizada em novembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

²¹ *Idem.*

²² *Idem.*

voltaram para casa sem saber o final da história, apenas imaginando vagamente o destino dos personagens que lhes foram apresentados. Mas além disso, através das palavras e até mesmo do riso presente na fala de nossa entrevistada, percebemos que aquela lembrança é recordada com ares de nostalgia, com sentimento de saudade e certamente com descontração. Ouvindo ou lendo o relato de Lídia de Santana, entendemos que apesar da fita não ter sido vista por inteiro, nem por isso a experiência deixou de ser marcante.

Ir ao cinema, como relatado anteriormente, nem sempre significava estar completamente interessado em determinado filme. Das vezes em que frequentou o Cine Éden, ela conta que estava acompanhada por sua amiga e pelo namorado desta. Podemos perceber que para Lídia de Santana, o filme que rodava no projetor não era importante por si mesmo. Compreendemos que em seu caso, o principal interesse em frequentar cinema estava justamente em poder desfrutar da companhia daquelas pessoas, suas conhecidas, em um ambiente diverso do trabalho, em um espaço associado ao lazer, onde a sociabilidade pudesse se desenvolver de modo mais livre, uma vez que, de acordo com Camargo (1986), em todas as formas de lazer pode existir um forte conteúdo de sociabilidade, expresso por meio do contato pessoal (CAMARGO, 1986, p. 25).

É importante destacar que nem todas as pessoas que estiveram presentes lotando as salas dos cinemas em Cajazeiras, eram pessoas especialmente apaixonadas ou interessadas por filmes. É comum ouvir a opinião, exemplificada nos relatos a seguir, de que os cinemas eram a única diversão disponível na época, em Cajazeiras:

Ah, o cinema pra mim, é... eu me emociono, inclusive, em falar, quando eu falo no cinema, porque... nós não tínhamos lazer... na cidade, assim, de... grandes festas e tal... então nós não podíamos ir [sic].²³
O pessoal gostava muito de filme romântico. Lotava, tinha, no domingo mesmo havia três sessões, né? Uma matinal que, uma matinê, uma matinal que era pra galera nova, a gurizada, e à noite duas sessões no domingo,

²³ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

ambas eram lotadas, o povo não tinha outra diversão, não tinha televisão. Era a diversão que tinha, o cinema, era a única [sic].²⁴

Os cinemas, apesar da popularidade, não eram, efetivamente, as únicas formas de diversão presentes em Cajazeiras, uma cidade com bares, lanchonetes, sorveterias, praças, igrejas e clubes. No entanto, o cinema fica marcado de forma mais perene na memória das pessoas que ouvimos, porque está mais diretamente relacionado às suas experiências pessoais, aos seus gostos, além disso, eram conhecidos e tidos como uma referência de lazer até mesmo para quem não os frequentava. Consistiam em um espaço democrático, pois oferecia diversão, ao mesmo tempo, para uma criança, um adolescente que não poderia estar presente em festas e bares, assim como ao adulto, que poderia optar por um lazer mais leve. Eram espaços que cativavam o público masculino e feminino. Portanto, se o cinema não era a única diversão da cidade, era aquela que possuía maior capacidade de agradar a todos os públicos, e que estava disponível quase todos os dias da semana, constituindo uma presença constante no cotidiano e na memória.

Os cinemas da cidade de Cajazeiras eram ambientes perfeitos para encontros, sejam eles marcados de antemão ou ocasionais, pois eram espaços frequentados por muitas pessoas, um entretenimento recorrente, principalmente entre os mais jovens. José Antônio de Albuquerque relata que, apesar de seu costume de ir sempre sozinho ao cinema, lá acabava encontrando seus colegas do colégio e do futebol:

eu ia sozinho pro cinema, eu não... meu pai não gostava muito também dessas coisas de turma, de coleguinha, dessas coisas não, né? Muito embora ele admitisse alguns amigos estudar lá em casa, se divertir, brincar, comentar, não é? Jogar futebol, que eu gostava muito de jogar futebol [...] esse grupo, era um grupo muito reduzido e a gente sempre... coincidia de muitas vezes ir ao cinema juntos, né? Namoradinhas, paquerinhas, aquelas coisas que começava a surgir, o camarada com treze, catorze, quinze anos já começava naquela época a, já começava a ter umas paqueras e essas paqueras geralmente, o cinema era um ponto de encontro, né? [...] porque a cidade era muito pequena [sic].²⁵

²⁴ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

²⁵ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

Desse modo, percebemos que frequentar cinema era um dos ritos sociais mais significativos para parte da juventude na cidade. Era o local de referência para os encontros, um ambiente onde era muito provável se deparar com amigos, colegas e paqueras, pois era para onde muitos convergiam, era a principal atração da cidade.

Nos cinemas, a interação social poderia ocorrer antes, durante e após as sessões, pois o ato de ir ao cinema não se encerrava, necessariamente, no tempo de duração da película, o qual o público permanecia no interior da sala, e nem se restringia, no espaço, ao prédio que abrigava a sala de projeção. O cinema escolhido pelo espectador, seja aquele que exibiria o filme tão esperado pela turma, ou aquele em que seria mais provável encontrar pessoas pertencentes ao seu círculo de amizades, estava inserido em uma rua da cidade, portanto, era preciso se deslocar até lá. Após a sessão, era o momento de realizar o trajeto de volta, que não consistia, precisamente, no mesmo trajeto da ida até o cinema. Essa trajetória eventualmente sofria desvios, outros caminhos eram traçados através das ruas. Após as sessões, era comum experienciar aquilo que estava em torno, as praças, as pessoas que circulavam, os locais onde se agrupavam para beber, tomar sorvete, lancha e conversar sossegado, agora que o filme acabou.

Essas trajetórias cotidianas, promotoras de encontros e contatos entre aqueles que circulavam, gestavam espaços na cidade caracterizados pela sociabilidade. É nesse sentido que os autores António Gama e Roberto Pinto Santos (1997) afirmam que,

do fato de ser considerado como uma produção dos grupos sociais, da vida social e das suas relações, o espaço social consubstancia um sistema de relações múltiplas, que vão desde as que se referem às formas de apropriação, ao trabalho, à vida quotidiana, envolvendo trajectos, pontos de encontro, etc. Nestas relações que se desenham através de representações do espaço, emergem espacialidades em que tomam evidência particular as características de sociabilidade (GAMA, SANTOS, 1997 p. 13-14).

De acordo com os mesmos autores, se determinados espaços promovem sociabilidades, então podem ser descritos como espaços de sociabilidade. Estes se desenvolvem em torno das relações e estão vinculados a lugares urbanos que lhes servem de cenário. Desse modo, as relações vão se materializando e produzindo centralidades, verdadeiros núcleos de encontros e pontos de intersecção entre trajetórias diversas (GAMA; SANTOS, 1997, p. 15). Em Cajazeiras, a frequência aos cinemas bem como os diversos passeios e percursos que esses frequentadores realizavam ao ocupar outros espaços após o fim da sessão, era responsável por estabelecer espaços de sociabilidade na cidade. Como exemplo disso, podemos tomar o depoimento de Aguinaldo Rolim, que conta que,

Nesse período que a turma ia pra o cinema... outros ficavam mais ali na praça João Pessoa... tinha bares ali, tínhamos talvez dois bares ali... além... as pessoas que estavam no cinema, que iam assistir o filme, quando terminava, ficavam circulando ali e iam pra um bar, ia namorar, era um ponto de encontro, né? Muitas meninas iam pra esse negócio com interesse, além do filme, do namoro, é onde começava aqueles namoros, né? Uma conversa aqui, uma conversa ali e nisso daí, nessa época, o surgimento de muitos namoros foram através desses cinemas, terminava o cinema, né?... uma hora e meia, quando era nove e meia ia se dar um giro, bater um papo, quem gosta de beber ia tomar uma, né? Outros iam conversar, e aí formava um ciclo, e nesse ciclo começavam os namoros, paixões, casamentos...

Quer dizer que a diversão não acabava quando o filme acabava, continuava?

Continuava, exatamente... e também você sabe, o cinema é uma forma de gerar brincadeira, ali tem o pipoqueiro, o vendedor de bombons, né? Tem o cara do roletezinho de cana, era uma variedade, tinha um vendedor aqui, outro vendedor ali, então começava aquele círculo de animação...de papo [sic].²⁶

O relato de nosso colaborador endossa o argumento de Graeme Turner (1997) de que ir ao cinema era entendido como um evento social. Por isso, segundo o relato do entrevistado, era importante que os espectadores se apresentassem como pedia a ocasião, ou seja, bem vestidos, perfumados e bem apessoados. Ainda de

²⁶ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

acordo com Aguinaldo Rolim, “ia tudo bonito, tudo... bem trajado, sempre aconteceu isso, principalmente pra namorar tinha que ir bonito, tinha que ir elegante, porque se não, o cabra não ia começar um namoro todo desmantelado”.²⁷ A estética era uma preocupação importante, o modo como o indivíduo ia vestido aos cinemas revelava muito sobre ele. E poderia ser um fator decisivo, caso as intenções fossem além do entretenimento. José Antônio de Albuquerque diz que:

o que acontecia era o seguinte, havia mesmo essa expectativa, você não ia... você muitas vezes ia aventurar arranjar uma namorada...ver um namorado, né? Você não ia todo molambento, Né? Geralmente as meninas se ajeitavam, botavam um perfume, perfume francês, vestia uma roupa melhor pra ir pro cinema... logo, era uma vez por semana, muitas vezes, uma vez por semana, aos domingos, porque dava um público maior, geralmente no domingo, havia as sessões... então caprichava... depois do cinema, tinha a praça, né? [sic].²⁸

A preocupação em relação à estética não era exclusiva daqueles que aventuravam um encontro amoroso, mas sim do público de modo geral, pois certamente estavam ali com o intuito de ver e ser vistos, observar quem estava em volta, ao mesmo tempo em que aguardavam a retribuição de seu gesto por parte dos outros olhares presentes no recinto (CAMARGO, 1986, p. 63). As idas aos cinemas eram cerimônias sociais importantes, havia a expectativa da diversão, mas também uma certa expectativa social, como se os cinemas fossem verdadeiras festas.

Conforme nos relatou Aguinaldo Rolim, quando o filme terminava, as interações mantidas no interior da sala e nas imediações dos cinemas não se desmanchavam repentinamente. Elas tomavam lugar e eram aprofundadas em outros pontos da cidade. Por isso defendemos que os momentos de lazer e interação social mantidos após a sessão, também faziam parte da experiência do cinema. As emoções provocadas por meio da película não se distinguem, na memória de quem as recorda, dos risos e conversas que foram trocados com os amigos antes da sessão, e muito

²⁷ *Idem.*

²⁸ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

menos dos passeios noturnos entre sorveterias, bares e praças traçados após os créditos finais.

Nesses passeios, sejam eles feitos entre casais ou entre grupos de amigos, parte do público que saía da sala de projeção percorria caminhos pré-determinados ou feitos de improviso, traçando um percurso em que o cinema correspondia a um dos elos, uma das paradas, dos portos que a cidade oferecia. Uma das trajetórias mais frequentes era de casa até a missa, da missa até o cinema e do cinema até uma sorveteria, uma lanchonete, um clube dançante, dependia da preferência de cada um. É óbvio que essas trajetórias não eram obrigatórias, mas era um programa frequente, principalmente nas noites de domingo, circular entre os ambientes de lazer que a cidade oferecia. Portanto, situamos o cinema como uma atração intermediária, um dos pontos que formava uma constelação ampla, desenhada ao rés do chão pelas caminhadas de centenas de pessoas em seus momentos de lazer. Esses caminhos eram marcados pelo estímulo aos sentidos.

De modo geral, cada expectador dos antigos filmes rodados nos cinemas de Cajazeiras era caminhante urbano a desenhar trajetórias no calçamento. Eram movidos pelo desejo de encontrar alguém, de ver e conversar com pessoas, de vivenciar a cidade de modo especial, a transformando num território de lazer, não apenas num território de trabalho. Reudesman Ferreira, por exemplo, recorda que após uma boa sessão seu refúgio favorito era uma lanchonete presente nas proximidades da praça João Pessoa, vizinha ao Cine Éden. Lá, na chamada “Merendinha do Seu Dirceu”, ele saboreava, ao lado de sua namorada, o que ele reconhece como o melhor bolo de leite já degustado por seu paladar. Ele conta que:

E aí tem um detalhe pós cinema... o detalhe pós cinema nosso aqui era, quando terminava o filme, a gente saía com as namoradas, com as paqueras... ia lá pra Merendinha de Seu Dirceu Marques Galvão [...] então a gente ia pra lá e tinha um doce, não... tinha um bolo de leite e uma vitamina de banana ou de abacate... era assim, era a época, era época... quando você sai pra tomar açaí, chocolate, não sei o que e tal, sorvete, não sei o quê, mas não, na nossa época era, saía do cinema direto lá pra Dirceu, pra Seu Dirceu de saudosa memória... e nós íamos lá, pegava uma fatia lá

do bolo de leite que eu até hoje não tenho, eu nunca comi um bolo igual àquele de lá [sic].²⁹

Através desse relato percebemos que o que nosso colaborador chama de “detalhe pós-cinema”, compõe parte significativa de sua experiência de frequentar cinema. Era depois da sessão que a sociabilidade poderia ser exercida mais livremente. Nesse caso, o filme e o passeio noturno não são acontecimentos díspares, ambos são recordados como parte de um mesmo evento, e o sabor do bolo se confundia com o gosto de estar junto de quem se quer bem, de poder rir, conversar e se divertir ao lado de outrem.

4. Considerações finais

Por meio dos relatos que citamos durante esse artigo, percebemos a importância que a presença do cinema em Cajazeiras exerceu para o lazer na cidade. A praça João Pessoa, que ficava ao lado do Cine Éden, e que foi citada diversas vezes nos relatos dos nossos colaboradores, assim como as ruas, calçadas e outros ambientes de lazer próximos que envolviam os cinemas da cidade, formavam um núcleo que atraía inúmeras pessoas, estimulando a circulação de transeuntes em seu entorno, cumprindo assim a função primordial das ruas, que de acordo com o sociólogo Luiz O. Lima Camargo (1986), consistiam em fornecer um meio privilegiado para trocas e interações entre os cidadãos (CAMARGO, 1986, p. 62). Era através desse espaço que os transeuntes circulavam de uma atração para a outra, da missa para o cinema, do cinema ao barzinho, ao clube, à sorveteria, aos rumos mais distantes que a noite prometia. Após as sessões, o *Cine Éden*, o cinema mais frequentado da cidade, despejava seu público diretamente nos arredores da praça João Pessoa, e uma vez estando ali, e uma vez que o centro da cidade oferecia tantas oportunidades de lazer, era difícil não se deixar estar. Nos finais de semana, os transeuntes que circulavam entre cinemas, bares, lanchonetes, formavam uma

²⁹ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

corrente viva em busca de lazer, de estímulos e interações, e transformavam a cidade, principalmente a porção dela que rodeava os cinemas, em uma grande festa a céu aberto, uma festa cotidiana.

Ao lado do entretenimento, da diversão que os filmes poderiam legar ao seu público, o prazer de se deslocar por entre as ruas da cidade ao lado de alguém querido era o complemento ideal da experiência de ir ao cinema. Em alguns casos, na verdade, o prazer de interagir, a camada social da frequência era a atração principal. A expectativa de encontros, de travar relações, em muitos casos era mais excitante que as aventuras vistas na tela. Não tentamos aqui, menosprezar o gosto do público pelos filmes exibidos, ou tratar as sessões de cinema como meros acessórios. Sabemos que os filmes estimulavam paixões, que captavam a curiosidade dos olhares ávidos que se acomodavam nas cadeiras dos cinemas. O que defendemos é que o ato de frequentar uma sessão era estimulado pela expectativa social que havia no ambiente, era uma oportunidade para se encontrar com os amigos, para ver e ser visto, para se desfrutar da presença do outro com maior liberdade, longe da rigidez cobrada pelo trabalho ou pela escola. Entretenimento ou sociabilidade não se colocavam como uma escolha a ser feita por quem frequentava os cinemas, eram afluentes do mesmo rio, uma estava presente na outra, pois o cinema consistia numa experiência coletiva.

FONTES

ALBUQUERQUE, J. A. José Antônio de Albuquerque: depoimento [abr. 2018]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2018. (42 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

_____. José Antônio de Albuquerque: depoimento [out. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (29 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

BARBOSA, A. O. Aldemir Oliveira Barbosa: depoimento [mar. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (53 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

LOPES, R. F. Reudesman Ferreira Lopes: depoimento [fev. 2020]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2020. (51 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

ROLIM, A. Aguinaldo Rolim: depoimento [mai. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (57 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SANTANA, L. P. Lídia Pedro de Santana: depoimento [nov. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (29 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SILVA, J. L. Josefa Lacerda da Silva: depoimento [dez. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (31min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

_____. Josefa Lacerda da Silva: depoimento [fev. 2021]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2021. (3 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. **Política, imagens, sociabilidade:** de 1789 a 1989. Trad. Francisco Javier Ramón. Zaragoza: Prensas de la Universidade de Zaragoza, 2016.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 15, p. 145-155, abr.1997.

AUN, Ana Carolina Passos. Sensibilidade e sociabilidade nas salas de cinema da cidade de Goiás (1909-1937). **Anais do XVIII Encontro Regional da ANPUH-MG**, Mariana, 2012. p. 1-10.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** 11^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velho. 2^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BUDON, Raymon (dir.). **Tratado de Sociologia.** Trad. Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

BRESCIANI, Maria Stella. “As sete portas da cidade”. **Espaço e debates**, n. 34, p. 10-15, 1991.

CALISTO, Fernanda Pereira. Cine Éden: cinema e história em Cajazeiras (1970-1980). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2014. 74f.

CAMARGO, Luiz O. de. O que é lazer. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CASTRO, Kellen Cristina Marçal de. **Cinema**: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia – 1980 a 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. 145f

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa R. Introdução. *In: O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Regina Thompson. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 17-29.

FERRAZ, Talitha Gomes. Experiência de expectativa cinematográfica e ocupação urbana: a prática de sociabilidade no caso dos cinemas da Tijuca. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, 2008. p. 1-15.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 3-13.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

GAMA, Antonio; SANTOS, Norberto Pinto. Espaços de sociabilidade. **Vértice**, p. 13-19, Out.-Nov. 1997.

LEAL, Wills. Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

ROLIM, Eliana de Souza. Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras-PB: memórias, políticas públicas e educação patrimonial. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 146 f.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. 336 f.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade:** desacertos de um consenso. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social.* Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1993.